2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 26. QUINTA FEIRA, 3 DE MAIO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Mappa de Portugal.

410 A GEOGRAPHIA é uma das muitas disciplinas, que, por incuria e desgraça nossa, se não estudam em Portugal. Somos apontados fóra da nossa patria como sendo o povo mais ignorante n'esta materia. A nossa mingua de conhecimentos geographicos chega a tal ponto, que ainda que um portuguez falle, como sua, qualquer lingua estranha, logo se conhece a nação a que pertence, se por acaso se falla na posição geographica de qualquer cidade, ainda que seja a propria capital da sua patria. E não se conspirem contra nós porque escrevemos estas amargas verdades; se assim procedemos, é porque estamos convencidos de que é mister que as faces córem de vergonha, para que o entendimento perceba a vantagem e a necessidade da instrucção; é porque é mister fazer pagar cara a ignorancia, o despeito e a frieza com que muita gente receberia qualquer convite, que lhe fosse feito pela pessoa que acaba de publicar um Mappa de Portugal, afim de que lhe auxiliassem tão patriotica empreza.

É sabido que não possuimos os elementos precisos para se confeccionar um bom mappa geographico do paiz; mas não é um esforço particular que ha de fazer a obra perfeita de que se está carecendo.

No entanto é de grande proveito o *Mappa de Portugal*, que temos presente, e que acaba de ser publicado pelo Sr. Frederico Perry Vidal.

Para fazer este Mappa, o Sr. Vidal corrigiu e augmentou os antigos, e o dividiu por provincias, districtos e concelhos, conforme a ultima divisão territorial.

Está perfeitamente gravado; e n'este ponto folgâmos em que todos os louvores caibam a uma senhora. Foi com verdadeiro prazer que, á esquerda do Mappa, fomos dar com estas simples palavras: *Raphaella Amatuci gravou no Porto em* 1848. — São simples, mas revelam muito merito e muita devoção artistica.

Louvores sejam dados ao Sr. Perry Vidal por esta sua obra; e bom seria que muita gente abastada a comprasse, porque, não sendo a sua compra uma grande despeza, seria comtudo em tal caso muita a economia nos disparates, que por ahi se ouvem, ácerca dos mais rudimentaes conhecimentos de geographia patria.

Vende-se nas lojas dos Srs. Langlet, Rua Nova do Almada; Lavado, Rua Augusta n.º 8; e na Rua do Arsenal n.º 24. No Porto, na loja do Sr. Cruz Coutinho, aos Caldeireiros. — Preço de cada exemplar 2$400 rs.

Concessão do terreno para as Escholas da Sociedade dos Amigos das Artes e Lettras em S. Miguel

O NOSSO promettido artigo ácerca da mui patriotica Sociedade dos Amigos das Artes e das Lettras fica perfeitamente substituido pelo Memorial, que ao diante publicamos, feito pelo seu digno Presidente, o Sr. Castilho.

A brevidade, que este negocio requer, é inquestionavel — é mister não deixar esfriar a fé dos poucos, mas honrados portuguezes, que ainda tem animo para se interessarem pela verdadeira fortuna da nação.

Oxalá que tão repetidas instancias influam não só nas Camaras Legislativas, mas tambem no Governo, para que se não perca o ensejo de completar um grande pensamento.

Memorial.

411 ILL.mos E EX.mos SRS. — Em nome e como presidente da Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, tive a honra de vos dirigir um requerimento para que o governo fosse auctorisado a metter a mesma Sociedade de posse de um pequeno chão nacional, para n'elle se edificarem á nossa custa casas para as nossas escholas, para as nossas sessões, museu, bibliotheca, bazar industrial, theatro, etc. Esse requerimento foi pela Camara remettido á sua respectiva commissão.

O meu fim n'este memorial, Ill.mos e Ex.mos Srs., é sollicitar para a decisão d'este negocio a maior ur-

gencia. A Sociedade nasceu, cresceu e tem produzido para o publico beneficios consideraveis sem concurso algum da força publica, por effeito unicamente da sua boa vontade e perseverança, como se prova pelo relatorio impresso, que eu ajuntei ao mesmo requerimento: todavia, para que a nossa existencia continue, e o publico michaelense não seja privado dos fructos de instrucção, que já começa a colher; e mesmo para que o nosso exemplo de illustrado e desinteressado patriotismo possa vir a ser imitado n'este reino, até hoje tão baldio para a civilisação intellectual; é indispensavel que, depois de approvados, como já o estamos, pelo Governo, se nos faça a requerida concessão prompta e incessantemente. O adiamento seria matar-nos a fé, e conseguintemente malograr do modo mais vergonhoso e barbaro os bens que podemos, queremos e sabemos produzir, como é demonstrado. Eu faria offensa, tanto aos vossos entendimentos, como ao vosso amor patrio, se mesmo hypotheticamente admittisse aqui, para a combater, a objecção da pobreza; querer vender, para obter algum conto de réis que nos não póde salvar, um chão que não vendido deve produzir muita illustração, fóra uma simonia horrorosa e deploravel, uma torpeza de que ninguem seria capaz, quanto mais um parlamento portuguez.

Outras considerações ha na petição a que alludo, e que vos foi presente, as quaes de certo vos decidirão a despacha-la, não só bem, mas immediatamente. Abstenho-me de as reproduzir, e mesmo de ajuntar outras muitas não menos ponderosas, por não vos tomar superfluamente o tempo, que deveis a tantos outros importantissimos, ainda que não mais importantes, negocios do Estado.

Lisboa, 3 de Maio de 1849.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Figuras de relevo em cascas d'ovos.

412 DESENHE na casca do ovo, com sebo derretido ou outra qualquer substancia oleosa, a figura ou ornato que quizer, immerja depois o ovo em vinagre muito forte, e deixe-o alli ficar até que o acido haja corroido a parte da casca não coberta com a materia gordorosa: estas partes apparecem em relevo exactamente como tiverem sido desenhadas.

Magaz. of Scienc.

Premios agricolas.

(Carta.)

413 SR. REDACTOR. — Na primeira reunião do Conselho Director da Sociedade promotora das industrias de Castello de Vide apresentou o socio e meu respeitavel amigo e mestre, o Sr. Lecocq, os seguintes programas para premio, os quaes foram distribuidos pelas respectivas Commissões.

«Um a quem aperfeiçoar o nosso arado, de modo que, lavrando com a mesma facilidade dos actuaes, revolva toda a terra n'uma profundidade constante.

«Outro a quem propozer n'uma Memoria o melhor methodo de abolir os pastos communs dos particulares, com vantagem d'estes, e sem desfalque no rendimento do Concelho.

«Outro a quem offerecer uma Memoria sobre a cultura dos vinhos n'este Concelho, com distincção dos terrenos fortes e fracos, comprovada de experiencias, pelo menos, de dois annos.

«Outro a quem apresentar uma Memoria, propondo systemas de afolhamentos comprovados por experiencias proprias, pelas quaes possam as terras d'este Concelho produzir todos os annos.

«Outro, finalmente, á melhor Memoria sobre a sementeira, plantação, cultura e conservação dos arvoredos e mattas n'este Concelho, com os meios de os preservar dos damnos causados pelos fogos, pelos animaes e pelos homens.»

As Memorias premiadas ficarão sendo propriedade da Sociedade.

Quem diria, Sr. Redactor, que n'este Concelho tão cedo haviamos de ter uma Quinta-Modelo (o Prado) e uma Sociedade? Aquella já celebre pelo seu vinho gazoso, que tem merecido preferencia aos melhores de Champagne! Esta trabalhando na solução de cinco programas, e muito proxima a examinar tres modelos de arado!

Disponha V. do que tem a honra de dizer-se com a maior veneração

De V. etc.

A. M. Carvalho Bello.

Processo para purificar o azeite.

LEMOS em um jornal da Suissa:

414 «As substancias, que estragam o azeite, teem em geral uma grande affinidade com a agua, que as faz crescer muito, e conserva-as em suspensão em grandes quantidades de azeite, até que o contacto do ar, ou a acção de agentes bem escolhidos lhes extraia a agua, e as torne de uma densidade tal, que as faça separar do azeite, e descer para o fundo das vasilhas.

«Ordinariamente deixa-se o azeite clarificar-se, pelo repouso, assim como ao oleo de nozes. Mas muitos o purificam por meio do acido sulphurico. Este processo é máu, porque destroe uma parte do azeite, e extrahindo á parte, que não ataca direitamente, a sua base, promove os acidos gordurosos, dos quaes um d'elles, o acido oleico, absorvendo com força o oxigenio do ar, se resinifica ou gera o ranço, e estraga depois o azeite. Posto que grande, este inconveniente não seria tamanho se d'elle não proviesse a união do acido sulphurico com o oleico, que gera um acido novo, e que é assaz forte para atacar o metal dos candieiros, e as vasilhas de folha de Flandres onde se guarda o azeite.

«Finalmente o acido sulphurico tem de mais o inconveniente de ser perigoso o trabalhar com elle, e de não estar sempre á mão do lavrador.

«Observando as materias estranhas, que acompanham todos os oleos ao sahir das prensas, vimos no conhecimento que ellas vem mais ou menos coaguladas, isto é, separadas da agua, que as conserva em suspenso no azeite pelo acido tanico, ou pelo tannino, principio que existe em grande copia na casca do carvalho. Isto nos levou a empregar esta substancia na purificação do azeite, e deu-nos excellentes resultados.

«Para operar, escolhe-se a casca dos carvalhos novos, ou as mais lisas e melhores dos velhos. Para 50 kilogrammos de qualquer oleo tomam-se 2 de casca de carvalho bem secca, e partida em pedaços pequenissimos, que se deixam de infusão em duas vezes o seu pezo de agua, que deve ser fervida e empregar-se ainda quente, dentro de garrafas que se enchem completamente, e que se rolham com todo o cuidado. Estas precauções são necessarias para evitar o ar pôr-se em contacto com a solução, que a faz sobrecarregar de côr, o que é máu, pois esta se communica ao azeite. Passadas vinte e quatro horas de infusão, estende-se por cima da boca da vasilha, onde está o azeite, um panno, e sobre este se despeja o contheudo nas garrafas: os pedacinhos da casca ficam sobre o panno, ao passo que o liquido o atravessa, e vae juntar-se ao azeite, com o qual se deve depois misturar bem, mexendo os dois liquidos. A infusão que se lançou no azeite, torna-se n'um mixto, que tem a apparencia e a côr de creme. Feito isto, deitam-se para dentro da vasilha 4 canadas de agua a ferver, mexe-se tudo bem, e deixa-se assentar, collocando a vasilha em sitio agasalhado. Depois de bem assente, extrahe-se o azeite limpo e clarificado. Quanto ás materias que se depositam entre a agua e o azeite, para as purificar, devem-se lançar sobre um panno qualquer coberto de papel pardo, atravez do qual passa o azeite de que estavam impregnadas.

«Este processo é expedito e barato; não altera o azeite, e faz com que elle não ataque o metal dos candieiros; é seguro e está ao alcance de todos. Só póde ter um inconveniente que é colorir o azeite, quando a solução de casca de carvalho não for bem feita, o que facilmente se consegue livrando-a do contacto do ar.»

Veneno para os persovejos.

415 Dissolva 1 onça de sublimado corrosivo em 1 quartilho de espirito de vinho, e junte-lhe 4 onças de oleo de mamona, e 4 de terebenthina.

Outra receita.

Reduza 1 onça de sublimado corrosivo e 1 de arsenico branco em pó, 2 onças de oleo de terebenthina, 2 de cera amarella e 8 de azeite d'oliveira: ponha tudo isto em um vaso dentro de um alguidar de agua a ferver, e quando a cera estiver diluida, deite todo o mixto em um almofariz, e mêxa até esfriar.

(Brande's) Chimico.

Tinta d'impressão.

416 A Jorge Walter Pratt, da cidade de Nova York, foi concedida uma patente pelo melhoramento na manufactura d'esta tinta.

Consiste a invenção em empregar o oleo de resina n'esta manufactura: e assim o privilegiado serve-se do sobredito oleo na composição e preparação do verniz, e o combina com as materias colorantes para fazer a tinta d'impressão conforme a côr que pretende.

O oleo de linhaça, e alguns outros, combinados com o sabão e materias colorantes, são geralmente usados na preparação das tintas de que se tracta; porém este processo torna dispendiosa a preparação, e o fim do auctor é a economia, substituindo o oleo de resina pelo de linhaça e outros.

Para a manufactura d'esta nova tinta emprega Mr. Pratt:

1 arratel d'oleo de resina.
13 onças de resina.
3 onças de sabão amarello.

Esta composição é levada ao fogo, e mechendo-se continuamente, opera-se o mixto no estado conveniente, e augmenta-se ou diminue-se a proporção da resina e sabão para a tinta ser mais solida ou branda, conforme a vontade do preparador.

O verniz effectua-se quando o mixto está quasi frio, do mesmo modo que se faz com a linhaça.

O privilegiado não limita precisamente a quantidade de oleo de resina que deve ser empregada; o objecto da sua patente consiste no emprego do oleo de resina para preparar a tinta d'imprensa, em vez do oleo de linhaça e outros.

Registrada em Janeiro de 1849.

(London Journal.) Fevereiro de 1849.

Licor para tirar as nodoas dos estofos.

Privilegio concedido em França a Mr. Lefrançais, e que terminou em 19 d'Abril de 1847.

417 *Preparação.*

Raiz de saponaria sêcca. . . .	64	grammas
Folhas de d.ª d.ª	64	»
Sumo de limão clarificado. . .	45	»
Espirito de vinho de 34° . . .	185	»
Agua clarificada	1,700	»

Pise levemente a raiz de saponaria em um almofariz de metal, e faça ferver por espaço de 15 minutos: junte depois as folhas de saponaria, cortadas miudamente, e continue a fervura por mais 20 minutos; tire do fogo, côe por um panno de linho, filtre por um papel pardo (vulgo mata-borrões), e deixe esfriar.

Á parte, tome o sumo de limão clarificado, misture-o com o espirito de vinho, e junte o todo á agua de saponaria.

O producto será de 1 *litro*.

*

Esta agua espirituosa deve marcar 14° no areometro de Gartier.

Maneira de usar-se.

Póde empregar-se em frio, porem será melhor aquecer o espirito; embeber dentro a prata que tem a nodoa. Para os objectos de seda faz-se em espuma com a mão, e applica-se.

Para os d'algodão e lã emprega-se por meio d'uma escova. Lava-se depois em agua limpida, e repassa-se pela mesma agua quando estiver quasi sêcca.

Querendo limpar todo o objecto, deve separadamente começar-se pelas nodoas.

Brevets terminés.

Creme do Libano, Cosmetico.

Privilegio concedido em França a Mr. Janipot, o qual terminou em 19 d'Abril de 1847.

Composição.

418	Oleo de breu	250	grammas
	Oleo de papoilas brancas	60	»
	Cera virgem	30	»
	Spermaceti	30	»
	Flores de beijoin	15	»
	Extracto de flores de laranja	10	»
	Amendoas finas	500	»
	Branco de perolas	250	»
	Talco de Veneza	125	»
	Balsamo do Perú	16	gotas
	Essencia de rosas	12	»

O creme do Libano substitue a brancura sem produzir inconvenientes, fortifica as fibras, impede e extingue em pouco tempo as rugas, sardas e outras imperfeições da pelle, a qual amacia e embranquece immediatamente.

Descript. des brevets terminés.

PARTE LITTERARIA.

A Litteratura.

IV

419 Continuaremos hoje a inventariar os subsidios que possuimos para a Historia da Litteratura Portugueza.

F. — *Bosquejo historico de Litteratura Classica grega, latina e portugueza, para uso das escholas*, pelo Sr. A. C. Borges de Figueiredo, 1844. — O Sr. Figueiredo, considerando a Historia Litteraria como *um dos poderosos meios de apurar o gosto da mocidade dedicada ás lettras, inspirando-lhe, com a admiração dos modelos, o desejo de os estudar directamente*, reconheceu a indispensabilidade de um livro elementar d'esta disciplina, e deu-se ao louvavel trabalho de traçar o *Bosquejo* — É pois este livro uma obra elementar, e por esse motivo muito resumido. Sobresahem todavia n'esta recommendavel producção o methodo, a clareza de exposição, e a segurança de boa doutrina. (Deve notar-se que mencionamos esta obra unicamente a respeito da parte em que tracta da Litteratura Classica portugueza.)

G. — *Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina, e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*, por José Vicente Gomes de Moura. — Com quanto esta riquissima obra tenha por assumpto especial a Litteratura Latina, encerra todavia bastantes elementos, que podem ser aproveitados para a nossa historia litteraria, como por exemplo, interessantes noticias sobre os latinistas portuguezes, sobre os diccionarios latinos-portuguezes, e portuguezes-latinos, sobre os grammaticos portuguezes, afora um grande numero de bons principios sobre a Litteratura em geral.

H. — *Memoria sobre o Theatro Portuguez*, por Francisco Manuel Trigoso d'Aragão Morato. — Esta Memoria é digna do seu illustre auctor, e contém mui judiciosas e apuradas noticias sobre a historia da nossa litteratura dramatica. — Nos primeiros quatro seculos da monarchia não se encontram vestigios de theatro portuguez. O primeiro trabalho, verdadeiramente dramatico, data do anno de 1502, e é composição do famoso Gil Vicente. — O Sr. Trigoso concede aos estrangeiros a prioridade dos seus theatros nacionaes, com tanto que se lhe conceda que os primeiros que entre elles promoveram este ramo de litteratura, não tiveram uma influencia duradoira nos auctores dramaticos das suas ou das estranhas nações, como succedeu ao nosso Gil Vicente, o qual, não só foi admirado e applaudido dos contemporaneos, mas fixou o gosto e interesse publico pelas representações dramaticas, mostrou á Europa a insufficiencia das traducções e imitações servís dos antigos gregos e romanos, estabeleceu um theatro nacional, *e foi o mestre de cuja eschola sahiu Lope de la Vega.*

I. — *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa, e sobre a sua influencia na restauração da nossa litteratura*, por Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato. — Não tinha sido possivel destruir, ainda no espaço de mais de um seculo depois da restauração de Portugal, *o pernicioso gongorismo.* Eis que no anno de 1756 se alevanta a *Arcadia*, sociedade litteraria, que se propoz a formar uma eschola de bons dictames e de bons exemplos em materia d'eloquencia e de poesia, que servisse de modelo aos mancebos estudiosos, e diffundisse por toda a nação o ardor de restaurar a antiga belleza d'estas esquecidas artes. — Esta memoravel sociedade tomou o nome de uma das provincias da Grecia antiga, mais afamada pela poesia e pela musica, a *Arcadia;* chamou *Monte Menalo* o logar das suas conferencias; cada um dos seus socios, na qualidade de *Arcade*, adoptou um nome pastoril; tomou por empreza *um meio braço pegando em um podão*, com a epigraphe «inutilia truncat;» e finalmente sugeitou-se ás disposições de prudentes e bem traçados estatutos. — Os mais illustres dos Arcades foram os seguintes: Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense); Pedro Antonio Correia Garção (Coridão Erimantheu); Francisco José Freire (Candido Lusitano); Manuel

Nicoláu Esteves Negrão (Almeno Sincero); Domingos dos Reis Quita (Alcino Micenio). — Lamentamos não poder acompanhar o sabio auctor d'esta Memoria em toda a sua luminosa exposição; cumpre-nos porém recommendar a sua leitura, como fornecendo interessantes noticias para a nossa historia litteraria.

J. — Memoria com o titulo: *Das origens e progressos da poesia portugueza*, por Antonio Ribeiro dos Santos. — Tracta primeiramente da introducção do uso da poesia na Hespanha primitiva, e particularmente na Lusitania, e por esta occasião menciona a memoria honrosa que, no tracto das bellas-artes, deixaram de si os turdetanos e os callaicos, descendentes dos celtas, e herdeiros do gosto de poetar, assim como dos exercicios da musica e da dança, em que os celtas sobresahiam; sendo porém de notar que d'esses primitivos tempos não ficou á posteridade, nem monumento algum da sua poesia, nem memoria do nome de algum dos seus poetas. — Tracta depois do uso da poesia hespanhola nos tempos da dominação dos romanos, dos wisigodos, dos arabes, em cujo periodo muito floresceram os exercicios poeticos, embora não chegasse até nós monumento algum da poesia dos nossos maiores, salvo algumas composições metricas no latim barbaro d'aquella edade. — Tractando finalmente da poesia portugueza nos seculos XII e XIII, o auctor não fixa ao certo a sua primeira epocha, mas conjectura que a poesia começou logo de figurar nos primeiros tempos da monarchia, isto é, no meado do seculo XII, contribuindo muito, no seu conceito, para que Portugal désse logar e honra á cultura da poesia, o exemplo que nos havia ficado dos arabes, o de differentes nações e provincias d'aquelle tempo, como a Allemanha, a Catalunha, Valencia e Aragão, a Provença e provincias meridionaes da França, e particularmente o maior tracto e communicação que mantivemos com a Galliza, affeita desde a mais alta antiguidade ao exercicio de trovas e cantares.

H. — Temos tambem duas Memorias: a primeira *Sobre as origens da Typographia em Portugal no seculo XV*, e a segunda *Sobre a historia da mesma no seculo XVI*, por Antonio Ribeiro dos Santos. — Entra na esphera da historia litteraria de qualquer paiz a noticia da introducção e progressos da Typographia; e por isso houvemos por conveniente fazer honrosa menção d'estas duas Memorias, que tendem a esclarecer uma parte muito interessanle dos annaes das nossas lettras. — O auctor tem por muito provavel que foi Portugal das primeiras provincias, fóra de Hollanda e Hespanha, que receberam a arte typographica, podendo datar-se a sua entrada no nosso reino pelos annos de 1464 ou 1465. — Menciona o auctor os diversos generos de typographia, que entre nós houve nos seculos XV e XVI; as cidades em que se estabeleceram officinas typographicas; os impressores estranhos e nacionaes que então tivemos; as obras que sahiram d'esses prelos; o merecimento typographico das edições de Portugal, ornato, divisas, ou marcas, ou cifras dos impressores. — Crê-se que a cidade de Leiria não só tivera officina typographica, antes mesmo que a capital do reino, mas fôra a primeira em toda a Hespanha que recebêra e exercitára a Typographia. — Na primeira Memoria dá o auctor uma interessante noticia ácerca do famoso e raro *Livro de vita Christi*, impresso em Lisboa no anno de 1495 *per os honrados meestres e parceyros Nicoláo de Saxonia e Valentyno de Moravia*. — Seguem-se ás duas Memorias dois Appendices; o primeiro tracta dos privilegios e honras dos impressores de Portugal; o segundo dá uma breve noticia das cidades, villas e logares onde houve typographia nos seculos XVII e XVIII.

L. — Temos uma Memoria com o titulo: *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas*, por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso. — Esta Memoria fornece um bello trecho para a historia da nossa litteratura do seculo de *quinhentos*. — Fazem estremecer ainda hoje de indignação os *crimes litterarios*, que desde a morte de Camões (1579) se praticaram contra o seu immortal poema! *Foi o poeta nosso*, diz o auctor da Memoria, *que soffreu mais da ignorancia e da malicia dos editores, os quaes desfiguraram estranhamente os seus poemas, alterando versos a seu arbitrio, attribuindo-lhe os que nunca fez, e mutilando os que indubitavelmente eram obra da sua penna*. — É sabido que os *Lusiadas* foram impressos pela primeira vez em 1572, e que n'esse anno se fizeram duas edições, sendo ambas muito preciosas, mas mais correcta a segunda, de que ha felizmente maior numero de exemplares. A terceira edição (1584), e a quarta (1591), com algumas annotações de diversos auctores, são mutiladas, e hoje raras, especialmente a quarta. — Deve ser lida com attenção a parte da Memoria em que se tracta das alterações feitas (presumivelmente) pelos jesuitas na edição de 1584, alterações barbaras, estupidas, e marcadas com o sello da mais deploravel intolerancia politica e religiosa! E as notas que os editores ajuntaram a essa edição!... O grande Camões disse: *a piscosa Cezimbra*, e os *sabios* annotadores disseram que a rasão de convir a Cezimbra o epitheto de *piscosa*, é porque em certo tempo do anno se ajunta alli grande quantidade de *piscos* para se passarem para Africa!... — No fim da Memoria vem uma Taboa dos principaes erros da 1.ª edição de 1572, que foram emendados em a 2.ª do mesmo anno; e outra dos logares errados na 1.ª edição, e que se repetiram do mesmo na segunda, e finalmente um cathalogo chronologico das obras de Luiz de Camões até 1782.

M. — Temos uma Memoria com o titulo: *Do começo, progressos, e decadencia da Litteratura Grega em Portugal desde o estabelecimento da monarchia até ao reinado do Sr. D. José 1.º*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura. — A Litteratura Grega foi professada e estudada com grande esmero entre nós, depois que a tomada de Constantinopla (1453), e a consequente queda do imperio grego, trouxeram á Italia illustres sabios, que alli despertaram o gosto das lettras gregas, e resuscitaram na Europa culta d'esse tempo as obras immortaes de Homero e Pindaro, de Euripides e Sophocles, de Xenofonte e Thucidides, de Socrates e Platão. — O periodo mais florescente da Litteratura Grega em Portugal é o dos fins do seculo XV, e quasi todo o seculo XVI. Desde os fins do seculo XVI até ao meado do seculo XVIII decahe sensivelmente esse ramo das Humanidades, até que no reinado do Sr. D. José 1.º, graças ao illustrado e trans-

cendente espirito do grande Pombal, vêem os portuguezes um rapido clarão de renascimento dos estudos da Lingua Grega, clarão que, por máu fado se tem ido apagando quasi de todo. — N'esta Memoria são mencionados os nomes de um grande numero de portuguezes, que até ao reinado do Sr. D. José 1.º se tornaram notaveis pelos seus progressos na Litteratura Grega, e enriqueceram as nossas lettras com differentes traducções e escriptos diversos n'este genero.

N. — *Memoria sobre o começo, progressos, e decadencia da Litteratura Hebraica entre os portuguezes catholicos romanos desde a fundação d'este reino até ao reinado d'elrei D. José* 1.º, por Fr. Fortunato de S. Boaventura. — É no seculo XVI que mais floresce entre os portuguezes catholicos romanos a erudição hebraica, podendo citar-se os nomes de Fr. Francisco Foreiro, Fr. Jeronymo da Azambuja, Fr. Heytor Pinto, D. Pedro de Figueiró, o sabio D. Jeronymo Osorio, e seu sobrinho do mesmo nome, bem como o de alguns jesuitas, etc., etc., — Note-se muito attentamente que esta Memoria é só relativa aos portuguezes catholicos romanos, porquanto a respeito da erudição hebraica dos judeus portuguezes largamente escreveu o academico Antonio Ribeiro dos Santos, cujas Memorias podem ver-se nas da Academia Real das Sciencias. — É muito de ponderar, que a circumstancia de haver o Concilio de Trento declarado a authenticidade da *Vulgata* foi parte para que se tivesse em menos conta o estudo da lingua hebraica; mas é certo que o Concilio nem tirou, nem podia tirar aos textos originaes a sua divina inspiração e authenticidade.

O. — Temos uma Memoria com o titulo: *De algumas particularidades com que se póde acrescentar e corrigir o que até ao presente se tem publicado sobre a vida e escriptos do chronista mór Fr. Bernardo de Brito*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura. — N'esta Memoria se encontram curiosas e importantes noticias biographicas e bibliographicas ácerca de Fr. Bernardo de Brito, do qual diz, muito atiladamente, o auctor que *se por acaso não tem obtido a palma da exactidão historica . . . . merece por certo a da pureza da linguagem, e da clareza do estylo.*

Não está ainda esgotada a rica mina de subsidios que possuimos para um dia se escrever uma historia completa da Litteratura Portugueza; no entanto, é mister não cançar a attenção dos leitores. No seguinte artigo concluirei a resenha relativa á Historia Litteraria, e ahi mesmo começarei a occupar-me já de outro ramo da Litteratura Portugueza.

José Silvestre Ribeiro.

A romaria.

420 Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor S. João,
Ouvi os romeiros,
Que vem prasenteiros
Por estes oiteiros
Fazer procissão.

Os romeiros vem da serra,
Trazem flores no chapéu;
Dia tão lindo na terra
Nunca Deus assim nos deu;
É o dia consagrado
Ao meu santo abençoado,
Ao santo mais festejado
De toda a Côrte do Céu.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor S. João,
Cantigas mais bellas
Não sei eu dize-las,
São preces singellas
Do meu coração.

Sou juiza n'esta festa,
Pois o povo assim o quiz;
Mas a magoa que me resta
É de faltar o juiz;
Pobre moço! se voltasse,
Se a minha voz escutasse,
Se o meu canto acompanhasse,
Como eu seria feliz!

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Se a Deus o pedis,
Serei eu feliz;
Trazei-me o juiz
Da nossa funcção.

Vêr-me aqui tão enfeitada!
Vêr-me as fitas de setim!
Tão gentil, e tão córada
Como a rosa n'um jardim! . . .
Pelo menos toda a gente
Azsim m'o diz; se não mente,
Como havia ser contente
Vindo aqui ao pé de mim!

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Protege os amantes,
Que se amam constantes,
Junta como d'antes
A sua oração.

Ha dois mezes que o não vejo;
Anda lá pela cidade;
Ás vezes tenho desejo
De lhe não ter amisade;
Mas lembra-me a despedida,
Lembra-me aquella partida,
E fico tão commovida,
Que até choro de saudade.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,

Bemaventurado
Senhor São João,
Estende o teu manto,
Enxuga este pranto,
Alegra este canto
Do meu coração.

Na cidade ha formosuras
Que tem o dom d'encantar,
Se tem almas menos puras
Sabem melhor enganar;
Oh! se elle se esqueceria
Da sua pobre Maria,
Que sempre de noite e dia
D'elle se está a lembrar?!...

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
De noite velae-o,
De dia guardae-o,
E sempre livrae-o
De tal perdição.

Porém lá se ha mais belleza,
Tambem ha menos amor,
Menos verdade e franqueza,
Menos fé, menos pudor;
As filhas da nossa terra
São como as flores da serra,
Que o calor do sol descerra
Como as fez o Creador.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Attende os clamores
Dos nossos amores,
Que os nossos louvores
Mentidos não são.

Té os moiros na moirama
Festejam o vosso dia;
Como não ha de quem ama
Vir aqui em romaria?
Dae-lhe, santo, a vossa graça,
Amparae-o na desgraça,
E fazei que nada faça
Sem a vossa companhia.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Quem tem tal abrigo,
Quem anda comtigo,
Não teme o inimigo,
Nem a tentação.

Meu pobre João — coitado!
Traz-me preso o coração,
Que o amor não é peccado,
Não o é, meu São João?
Protegei-m'o santo meu,
Por vosso nome, que é seu,
Pedi-lhe a benção do céu
E trazei-m'o vivo e são.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Trazei-m'o depressa,
De mim não s'esqueça,
Que não arrefeça
Aquella paixão.

Mas quem desce aquelle oiteiro
Com tantas flores na mão?...
Quem será esse romeiro?
Já m'o disse o coração...
Já vem perto... Oh! que alegria!
Com tão boa companhia
Como é linda a romaria!
Como é linda esta funcção!

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Já veio o juiz,
O céu já o quiz,
Que vós sempre ouvis
Fervente oração.

«Fui á cidade — deixei-a,
Quero só viver aqui;
Não valem a minha aldeia
Todas as terras que vi;
Vi por lá mulheres bellas,
Vi senhoras e donzellas,
Mas p'ra mim nenhuma d'ellas
É bonita ao pé de ti.»

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Tu sempre o guiaste,
Tu sempre o guardaste,
Nunca abandonaste
Quem tem devoção.

Como brilha o sol na serra!
Bello sol hoje nasceu!
Dia tão lindo na terra
Nunca Deus assim nos deu!
É o dia cansagrado
Ao meu santo abençoado,
Ao santo mais festejado
De toda a Corte do Céu.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Cantigas mais bellas
Não sei eu dize-las;

São preces singellas
Do meu coração.

Ávante, ávante, romeiros,
A cumprir a romaria,
Nunca o sol n'estes oiteiros
Brilhou como n'este dia;
Vamos, vamos á capella
Resar por elle e por ella,
Que das resas a mais bella
É a resa da alegria.

Patrono sagrado,
Meu santo adorado,
Bemaventurado
Senhor São João,
Ouvi os romeiros
Que vem prasenteiros
Por estes oiteiros
Fazer procissão.

J. M. do Casal Ribeiro.

Nota ao artigo Eu e Elle.

421 Os nossos talentosos collegas do *Pharol* raras vezes se deixam de lembrar de nós nas suas — Revistas: — não sabemos se essas referencias são justas ou injustas: a nossa opinião seria suspeita. Se respondemos sempre com o silencio, não é por falta de consideração para com os nossos collegas, porque elles bem sabem que os estimâmos; mas é porque seria ridiculo entrar em questão, que só o publico deve decidir, na qual nós acreditâmos que andam puras as intenções dos Redactores do *Pharol*. Deixámos hoje este systema, porque nos passaram alvará de — poeta — e fizeram-nos auctor dos versos á Lua, que se publicaram no *Eu e Elle*. — Alto lá, collegas! não nos façam responsaveis, porque não é nosso. Os versos estão assignados com um pseudonimo: — n'aquelle artigo só a prosa é nossa. Com estas declarações, nem remotamente queremos prejudicar o muito conceito, em que temos o auctor da poesia.

A redacção da Revista ainda não pagou o preito ás musas, porque tem a consciencia de não tentar caminho por onde Deus não a chamou.

Podiamos offerecer um premio aos collegas se nos mostrassem um verso unico que seja nosso; mas fazemos-lhe a justiça de acreditar que não duvidam d'esta nossa declaração.

Collegas, para lhes provarmos a nossa boa fé, não os faremos auctores da poesia que publicam n'essa mesma Revista em que nos querem fazer poetas, e na qual se lê a seguinte... que tirámos á sorte: ás que ficaram pedimos perdão da preferencia da sorte:

Sim é hoje o natalicio,
Da Britannica deidade,
Baixada do ceo á terra,
Para minha f'lecidade.

Já que estamos em maré de *notas*, o que poucas vezes acontece, diremos que o *Elle*, nem da penna com que escrevemos a nossa pobre prosa, se quiz servir, e que pediu penna de ave só para ter o gosto de a aparar com um canivete escuro, a que chama o seu talisman, não sabemos por que.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

26 d'abril a 2 de maio.

Diario n.º 98.

422 Resumo geral do lançamento da decima e impostos annexos no anno economico de 1847 a 1848, no districto de Braga. Monta este resumo 101:765$607 réis.

Dito n.º 99.

Egual resumo do districto de Leiria. Somma réis 35:027$846.

Dito n.º 100.

Mappa estatistico da producção do arroz no reino, no anno de 1848.

Dito n.º 101.

Mappa demonstrativo da importancia dos documentos de cobrança não realisada até ao dia 30 de Junho de 1848 no districto de Braga. Somma esta importancia 114:372$825 rs.

Ainda a mascarada da Feira.

Apesar de que já em o n.º 19 rectificámos o que ácerca d'este facto haviamos escripto, não temos duvida em publicar a seguinte carta, como prova do amor que temos á verdade, e da consideração que nos merece o amigo que nos escreve.

423 Sr. Redactor. — É certo que não sou seu correspondente n'esta cidade; mas sou seu amigo, e tanto basta para que me julgue na obrigação de rectificar quaesquer factos narrados pela sua Revista com menos exactidão, especialmente quando esses factos possam comprometter a reputação de pessoas respeitaveis.

É verdade que já V. , em o n.º 19 de 15 do mez passado, disse em poucas palavras ser calumnioso o que differentes jornaes de ambas as capitaes referiram, com relação a uma mascarada que houve na villa da Feira, no dia 20 de Fevereiro ultimo, e isto porque as pessoas a que elles se referiam haviam desmentido taes calumnias; mas tambem não é menos certo que no numero anterior havia V. dito, pelas informações d'aquelles jornaes, que na tal mascarada se havia commettido horrorosas irreverencias, por isso que o Presidente da Camara Municipal, o Administrador do Concelho, e outros funccio-

narios publicos, haviam tido o temerario arrojo de precorrerem a cavallo as ruas da villa, envolvidos nos mantos do Senhor *Ecce Homo*, e da Senhora da Soledade.

As calumnias teem sido muitas vezes repetidas, e escriptas de modo altamente diffamantes, e então, por honra da justiça e da moral, deve um jornal respeitavel e imparcial, como a sua REVISTA, declarar alto e em bom som, que *tudo o que aquelles jornaes publicaram foi falso.*

Os factos eram tão graves e horrorosos, que todas as auctoridades, tanto ecclesiastica, como judiciaria e administrativa, não deixaram de lhes prestar a mais seria attenção; porém todas ellas reconheceram, pelos meios legaes que empregaram, que taes factos não haviam existido.

Resta agora, como V. muito bem diz, agravar do calumniador ou calumniadores, e de quem por qualquer fórma lhes deu ajuda, *para que não fique impune tal systema descarado de diffamação;* e quasi posso assegurar a V. que os calumniados não tardam em fazer castigar como merecem, pelos meios de justiça, aquelle ou aquelles, que tão desfaçada e impudentemente ferem o credito e a reputação de pessoas que, pelas suas qualidades, regular conducta, e posição social, teem sempre merecido o melhor conceito entre os homens de bem: oxalá que d'entre esses meios judiciaes se não levantem difficuldades e embaraços menos mal pensados, que inutilisem os esforços para tão justo desaggravo.

Aveiro, 10 de Abril de 1849.

* * *

O Propheta.

424 HA dez annos que o auctor das operas — Roberto do Diabo, e Huguenotes — trabalha na opera — O Propheta. — É a filha querida do celebre Meyerbeer. Apezar dos elogios estremes, que, ha muitos annos, os jornaes da especialidade davam a esta opera; apezar de muitas vezes promettida para entrar no reportorio da grande opera de París; apezar mesmo do amuo do maestro, que chegou a promettê-la no theatro de Berlin; e apezar de tantas vezes esperada, a opera, representada no meado do mez ultimo no theatro lyrico de París, foi estrondosamente victoriada e gostada pelo publico mais entendido d'aquella grande capital.

É uma obra de genio, que hade fazer epocha na arte musica.

Scribe é o auctor do libretto; e o enredo da peça é dos mais inspiradores e felizes.

Foi posta esta opera em scena com muita pompa, cantada pelos melhores actores de París.

É um episodio das guerras de religião na Allemanha. A personagem é o celebre João de Leyde, intitulado o propheta.

* *

Cholera-Morbus.

DE um jornal de París extrahimos os seguintes trechos sobre a epidemia:

425 «Esta fatal molestia continua a grassar na capital, porém a sua intensidade não apresenta nada de mui terrivel. Desde a invasão da cholera em París, que foi a 9 de Março até 10 de Abril, houve nos hospitaes e hospicios 1.368 cholericos, dos quaes morreram 791.

«O unico remedio que se tem descoberto mais efficaz para preservar da cholera, é a observação das regras de hygiene.

«Entre os medicamentos que parecem ter tido um resultado feliz, estrema-se o tractamento pelo chlorureto de soda ou sal commum. A experiencia é quem tem feito usar d'este tractamento. A analyse feita por varios chimicos, ha mais de 16 annos, demonstra que o sangue dos cholericos contém menos substancias salinas que no estado physiologico. Cingindo-se a este principio, muitos medicos imaginaram introduzir no corpo uma dada quantidade de substancia salina, sufficiente para reparar as perdas soffridas durante a molestia.

«Hoje varias experiencias teem mostrado que é de utilidade applicar-se esta substancia quer por meio da bebida, quer por meio de clisteres. É no hospital da *Charidade* que novas tentativas teem sido feitas. Em dez atacados, aos quaes se applicou este modo de tractamento, só dois succumbiram. Devendo notar-se que todos estes doentes entraram no hospital no periodo algido da cholera.

«Eis as formulas do tractamento empregado. Uma bebida gommosa de 12 grammas, com addição de 12 grammas de sal marinho; além de um clister de 15 grammas de sal marinho, com addicção de 10 gottas de laudano.

«O que ha de verdadeiramente notavel na applicação d'este medicamento, é que constantemente a reacção foi moderada.

«Dizemos (continua o jornal d'onde copiamos o que se está lendo) finalmente que as experiencias praticadas no hospital da *Charidade* carecem de ser repetidas um grande numero de vezes, para que se possa dar como seguro este methodo de curativo. Pertence pois aos facultativos verificar este methodo, que tem dado tão prosperos resultados.»

Theatro francez.

426 AS ULTIMAS noticias, que temos de França, relativas a theatro, provam que a arte começa a trocar as applicações politicas por varios pensamentos, que em qualquer parte se possam aproveitar.

No *theatro da republica* ensaia-se o *Cousin Pons*, a nova comedia de Balzac. O auctor do *Sineiro de S. Paulo* compoz um *vaudeville* que agradou, e tem por titulo — *Vendredi.* — A mesma sorte teve um outro, baseado em uma completa originalidade, o qual se denomina E. H. Tambem foi bem recebida uma applicação do chloroformio á arte dramatica, o *Bouquet de Violettes*; mas n'este parece que a celebre *Rosa Chérie* influe mais do que o genio do auctor.

No theatro *historico* os romances continuam a ser dramatisados; e aos *Puritanos da Escossia*, de *Paul Féval*, vão seguir-se os *Oito dias no Castello*, drama extrahido por Plouvier do romance de Soulié.

Cautela com as bestas dos padeiros.

427 Se bem nos lembramos ha uma postura da Camara Municipal, que prohibe que os conductores de bestas carregadas possam ir montados nas suas cavalgaduras. Esta providencia é bem entendida, pois que é mui difficil governar bem um animal, que verga sob um pezo incommodo. Esta providencia seria muito util que se fizesse reviver e faze-la cumprir á risca, com isto evitar-se-hiam desgostos, e alguns graves.

Suscitou-nos esta idéa a desgraça ultimamente occorrida na rua de S. Miguel, no bairro da Estrella. Um pobre e honrado soldado da Municipal atravessava de um lado da rua para o outro: o cavallo de um padeiro, que o montava, já conhecido n'aquelle bairro por eguaes malfeitorias, vendo o soldado, que lhe passava por diante, atira-se ao desgraçado, lança-o por terra, e pisa-o. O soldado é logo levado para o hospital e morre dentro de oito dias, deixando uma mulher e dois filhos de tenra edade. O padeiro acha-se homisiado.

Quantas infelicidades se não evitariam, se a policia fosse feita como convem ao nosso estado de civilisação!

* *

Theatro de S. Carlos.

428 Em a noite de terça feira houve n'este theatro o concerto do Sr. Pheiffer: é um pianista com merito; separa as notas com arte, e o seu methodo é nitido e agradavel: provou largo estudo de tocar só com a mão esquerda. Foi applaudido.

COMMERCIO.

429

Cereaes em 2 de Maio.

Trigo do reino rijo	de	340	a	420	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	480	»	»
» da ilha	de	360	a	420	»	»
Milho do reino	de	250	a	260	»	»
» da ilha	de	205	a	225	»	»
Cevada do reino	de	180	a	190	»	»
» da ilha	de	180			»	»
Centeio do reino	de	230	a	240	»	»

Praça de Lisboa, 2 *de Maio*. — Fundos publicos de 5 por cento, a 49. Acções do Banco a 450$000. Acções do Fundo de Amortisação 35 a 37 por cento. Os mais papeis conservam os preços cotados.

— Cambios effectuados na Praça de Lisboa em 28 de Abril de 1849.

Londres	30 d v.	$53\frac{5}{8}$
	60 d v.	$53\frac{3}{4}$
	90 d d.	$53\frac{7}{8}$
París 100 d d		525
Hamburgo 3 m d.		49
Amsterdam »		$43\frac{1}{2}$
Porto 8 d. v.		$\frac{1}{2}$ por 100.

— *Estado do mercado em 2 de Maio de* 1849.

Cera. — A amarella d'Angola tem-se vendido a 225 e 220 rs.: a 240 rs. a branca.

Marfim. — Vendeu-se algum aos preços de 900 a 920 rs. o superior, 800 a 820 rs. o meão, e 450 a 500 rs. o escravelho d'Angola.

Assucar. — Teem continuado as vendas para o consumo, regulando os preços por 1$450 rs. o branco, e 1$000 a 1$050 rs. o mascavado.

Café. — Faltam as boas qualidades.

Urzella. — Paralisada.

Telegrapho Commercial.

Julgando de muita vantagem a adopção do seguinte plano, temos a satisfação de o publicar.

430 É reconhecida a vantagem, tanto para o commercio em geral, como para os interessados na cabotagem, que estas embarcações sejam conhecidas logo que se approximem da barra ou da costa, e por isso se promove o seguinte plano economico, pelo telegrapho commercial, a cargo da Associação Commercial do Porto, para se realisar tão desejado fim.

Todas as embarcações *costeiras* (menos os vapores) que pagarem por uma só vez 2$400 rs. para o telegrapho, ou aquellas cujos caixas ou consignatarios, que se obrigarem a contribuir para elle com 800 rs. annualmente por cada embarcação *registrada*, ou 120 rs. por cada viagem que fizerem ao porto (sendo da carreira), receberão uma bandeira com uma letra inicial maiuscula, que designará o porto a que pertençam, e um numero que designará o seu nome. Os vapores pagarão 1$000 rs. por cada viagem, ou 18$000 rs. annualmente.

Na casa do telegrapho haverá um registro de todas as embarcações que se quizerem sugeitar a estas condições.

A bandeira poderá ser içada em qualquer mastro. Ella será branca, terá 4 palmos d'altura, e 8 palmos de comprimento; porém exigindo-se maior, pagar-se-ha mais 200 rs. por cada palmo quadrado.

As letras iniciaes dos principaes portos (Vianna, Porto, Figueira, Lisboa, Setubal, Faro, Açores, e Madeira) serão *vermelhas*, assim como os numeros. As letras e numeros dos portos menores serão *pretas* (Caminha, Espozende e Fão, Povoa, Villa do Conde, Aveiro, Pederneira, Peniche, Ericeira, etc.) As bandeiras das embarcações ao norte da Figueira *inclusivè* terão uma tarja preta, e as dos portos ao sul da Figueira *exclusivè* serão todas brancas.

DESIGNAÇÃO DOS PORTOS.

Caminha	A.
Vianna	B.
Espozende e Fão	C.
Povoa	D.

Villa do Conde	E.
Porto	F.
	*
Aveiro	G.
	*
Figueira	H.
Pederneira	I.
Peniche	J.
	*
Ericeira	K.
Lisboa	L.
Cezimbra	M.
Setubal	N.
Santiago de Cacem	O.
Sines	P.
Odemira	Q.
Sagres	R.
Lagos	S.
Villa Nova de Portimão	T.
Villa Real de Santo Antonio	U.
Faro	V.
	*
Tavira	W.
Castro Marim	X.
S. Miguel	Y.
Terceira	Z.
Madeira	Δ

Porto, 4 d'Abril de 1849. — A Commissão encarregada do Telegrapho Commercial, *Eduardo Moser — José d'Almeida Campos Junior — Antonio José de Castro Silva Junior.*

BIBLIOGRAPHIA.

Lições de Chimica geral

com a indicação das suas principaes applicações ás Artes. pelo Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

O BEM traçado plano, que está contido no prospecto que ao diante publicamos, dispensa-nos de insistir na maxima utilidade da obra. Só observaremos, que livros d'esta ordem, fóra de Portugal, são sempre auxiliados pelo Governo. Aqui nem o publico os sabe ainda avaliar. É este mais um motivo para louvarmos o Sr. Pimentel, por ter a coragem de emprehender a publicação d'estas Lições.

Voltaremos ao ponto que deixamos mencionado, mesmo ácerca d'esta obra.

Chamamos com instancia a attenção dos nossos leitores para o seguinte Prospecto.

431 Os LIVROS de sciencia são escaços entre nós. A educação acanhada e mal dirigida, que a mocidade recebe, é a mais poderosa causa que para isso concorre. Nem se lhe inspira o sentimento da elevação, que o saber dá ao homem; nem se lhe faz perceber que no trabalho se resume o interesse futuro do seu bem estar, se elle fôr acompanhado de vida honesta, esclarecido e auxiliado por todas as descobertas da intelligencia. É de certo este o motivo por que nós somos talvez a unica nação na Europa, que no catalogo das suas obras não conte um livro de Chimica, que seja seguido nas suas aulas e estudado pelas numerosas classes, que necessitam ter conhecimentos d'esta sciencia.

Propomo-nos supprir esta falta publicando as lições de Chimica do Sr. Pimentel. Sabemos que ninguem, como especulação mercantil, tomaria tal empreza. Ainda que o elemento civilisador, mais forte do que a barreira, que a pessima gerencia dos negocios publicos constantemente lhe offerece, ganhe terreno entre nós, não chegámos por ora ao ponto do homem mais habilitado poder emprehender, com vantagem sua, a publicação de um livro scientifico, mesmo quando esse livro, pela natureza do seu objecto, devesse ser estudado por numerosos leitores. É pois simplesmente com as vistas de ser util ao nosso paiz, de satisfazer a nobre ambição com que um auctor deseja sempre vêr publicados os seus trabalhos, quando tem consciencia de que elles são dignos d'isso, que vamos dar começo a esta empreza, lisongeando-nos que seremos n'ella auxiliados por todos os amigos esclarecidos do nosso verdadeiro progresso.

Ninguem duvida hoje da necessidade dos conhecimentos chimicos, não só para o aperfeiçoamento das artes e manufacturas, mas ainda mesmo para ellas poderem ser utilmente cultivadas no estado em que actualmente se acham. Consequentemente a importancia do objecto recommenda-se por si mesmo. Quanto á execução, os editores acreditam que corresponderá ao talento e trabalho com que o Sr. Pimentel tem cultivado esta sciencia.

Depois de longo estudo no gabinete e laboratorio, acompanhado do difficil mas proveitoso trabalho de coordenar os elementos da sciencia para os expôr nos cursos de Chimica da Eschola Polytechnica, o Sr. Pimentel foi buscar aos principaes centros de instrucção na Europa o complemento da sua educação scientifica; associando-se, nos laboratorios, para a confecção dos trabalhos mais delicados; procurando nos grandes estabelecimentos industriaes apoderar-se d'aquelle tacto, que só a experiencia póde ministrar para caminhar seguro nas grandes applicações da Chimica ás artes. É depois de ter assim, por 12 annos, empregado o seu tempo, que o Sr. Pimentel nos confiou o seu manuscripto para lhe darmos publicidade. Esta exposição, que aliás é bem conhecida do publico litterario, mostra que a nossa confiança é bem fundada quando esperamos que a obra do Sr. Pimentel preencha dignamente o vacuo que actualmente existe, porque podemos dizer que as poucas obras de Chimica, que ha escriptas em portuguez, com quanto os seus auctores tivessem merecimento, não estão hoje a par da sciencia, nem as materias se acham alli distribuidas pela maneira mais vantajosa.

N'este ponto parece-nos que o Sr. Pimentel usou felizmente da liberdade que a eschola allemã auctorisa, para expôr os principios sem se prender á separação stricta de Chimica mineral e Chimica orga-

nica: a classificação mais philosophica e natural exige que se quebre a inflexibilidade systematica pela duplicada vantagem da clareza na exposição e da mais prompta applicação dos conhecimentos scientificos.

Como o titulo da obra indica, o Sr. Pimentel procurou fazer um livro, que contivesse sufficiente materia, para que os phenomenos, que se manifestam pela reciproca acção dos corpos, fossem comprehendidos, e ao mesmo tempo se conhecesse, pela explicação dos processos, como as principaes artes e industrias se fundam todas n'estes phenomenos. A extensão, que lhe pareceu dever dar a uma tal obra, para que ella satisfizesse ao maior numero, sem faltar ás convenientes indicações, foi dividi-la em quatro volumes de quatrocentas a quinhentas paginas no formato d'este prospecto. Conter-se-hão n'elles tres partes, que até certo ponto se podem considerar distinctas:

A primeira comprehende a chimica dos radicaes simples e compostos, e das suas mais importantes combinações. É a chimica das substancias mineraes, e das substancias de origem organica, a que se póde assignar um radical, real ou hypothetico. Os dois primeiros volumes serão consignados a esta parte.

A segunda parte comprehende a chimica das combinações de origem organica, que não tem radical conhecido, e das combinações organisadoras da economia vegetal e animal. Esta parte fará objecto do terceiro volume.

A terceira parte é destinada á Chimica technologica, ou á descripção dos processos das industrias chimicas mais importantes no nosso paiz. Juntar-se-lhe ha em appendice um breve tratado de analyse mineral. Será este o objecto do quarto volume.

Este quadro, como se vê, ha de necessariamente ser reduzido ás proporções de elementar, mas nem por isso deixará de offerecer, em traços bem claros, todas as partes essenciaes da Chimica, naturalmente coordenadas e dispostas de modo que os leitores possam comprehender bem toda a sua extensão, importancia, meios, e recursos.

Esta obra ir-se-ha publicando ás folhas: as condições da assignatura serão as seguintes:

1.ª Cada folha de 16 paginas no formato e letra do prospecto custará aos assignantes 40 rs., pagos no acto da entrega.

2.ª O preço nas provincias será o mesmo. As remessas far-se-hão com a pontualidade possivel, francas de porte, para os assignantes.

3.ª As folhas avulsas custarão 80 rs.

4.ª Assim como os assignantes se não obrigam por numero determinado de folhas, tambem os editores, salvando todas as eventualidades, poderão cessar temporaria ou absolutamente a publicação.

5.ª No fim de cada volume distribuir-se-ha, *gratis*, pelos assignantes o respectivo indice e capa.

6.ª Aos subscriptores, que o tiverem sido desde o principio da obra, será distribuido gratuitamente um atlas com as respectivas estampas, e sua competente explicação.

Assigna-se em Lisboa na Loja do Sr. Lavado, Rua Augusta n.º 8, e nas provincias em casa dos Correspondentes da *Revista Popular*,

432 *Compter sans son hôte, proverbe*, par M.lle Augustine Brohan.

—

Le Meunier de Marly, vaudeville en un acte, par Mélesville et Dunoynier.

—

Louison, comédie en deux actes, par Alfred de Musset.

—

Notice des monuments exposés dans la galerie d'antiquités assyriennes, au Musée du Louvre, par Adrien de Lonypénier.

—

De l'éfficacité du traitement anti-cholèrique d'Albert.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.º 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.....	$600	réis.
Vinte e quatro ditos	1$200	»
Quarenta e oito ditos.....	2$400	»

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

— Agradecemos os importantes documentos estatisticos, que nos remetteram de Aveiro.

— Ao Sr. José Maria do Cazal Ribeiro agradecemos tanto a — Romaria — que hoje publicâmos, como o — Guerreiro de Alcacerkibir. —

— O Conselho — poesia do Sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, sahirá em o proximo numero.

— Recebemos o Mappa de Portugal, de que damos noticia.

Erratas importantes a emendas nos Mappas das observações meteorologicas, publicados na R. Universal n.º 25, de 26 de Abril passado.

1.º Mappa a pag. 292 — 3.ª col., lin. 3, em vez de — 49,9 — lêa-se — 46,9. = 4.ª col., linha ultima — 60,1 — lêa-se — 67,9. = 5.ª col., linha ultima — 67,9 — lêa-se — 60,1. = 10.ª col., linha ultima — 737,9 — lêa-se — 757,9. = 12.ª col., lin. 14 — 77 — lêa-se — 76.

2.º Mappa, pag. 294 — 6.ª col., lin. 3 — 3, — lêa-se — ,3.

Em o n.º 24 da presente serie, no artigo *Eu e Elle*, na poesia á Lua, na segunda strophe, onde se lê:

Que nada a faz corar

deve ler-se:

Que nada a fará corar.

E na terceira, onde se lê:

Bem esteril meditação!...

deve ler-se:

Bem 'steril meditação!...